**Lucy (Refugee Family) | Duration: 51:15**

L: Boa tarde.

E: Com quem estou a falar? Conta-me um pouco sobre onde cresceste e fala-me um pouco da tua infância.

L: Os meus nomes são Lucy Jua Nduku. Sou sudanesa do sul e vivo actualmente no Quénia, como refugiada. Cresci no Sul do Sudão, onde nasci. Fui a última a nascer na nossa família, somos seis. O meu irmão mais velho faleceu. Moeda - Neste momento somos cinco. Temos dois rapazes e três raparigas. Portanto, eu cresci no Sul do Sudão. Conheci lá o meu marido. Ele era Ele chama-se Isaac Vuni. Mas faleceu durante a guerra no Sul do Sudão. Era jornalista. Ao mesmo tempo, era secretário-geral na igreja. Por isso, viemos para o Quénia, não tínhamos filhos. Neste momento, eu tenho cinco filhos.

E: Ok.

L: Um rapaz e quatro raparigas. Sim, estão na escola, um já se formou. Ainda há descanso na escola. Por isso, adoro estar no Quénia. O Quénia tem sido a minha casa nos últimos 26 anos. Sim.

E: E temos aqui uma das suas filhas. Talvez se possa apresentar.

S: O meu nome é Sophie Faith Jua, filha de Lucy Jua. Sou sudanesa do Sul, mas nasci e fui criada no Quénia. Tenho três irmãs e um irmão.

E: E que idade tes?

S: Tenho 14 anos.

E: Boa, boa.. Prazer em conhecê-las a ambas.

S: Obrigada.

E: Então, tendo crescido no Sul do Sudão em criança, mesmo antes de teres iniciado a tua própria família, quais são alguns dos valores que os teus pais te ensinaram ou que a tua comunidade te ensinou, com os quais cresceste e que pensaste serem bastante bons?

L: Ok. Na verdade, o meu pai faleceu. Eu nunca soube o que é um pai, o amor de um pai. O meu pai faleceu quando eu tinha dois anos. Por isso, costumo ouvir as história de quando falam sobre ele. Fui criada pela minha mãe, e pelos meus irmãos. A minha vida foi partilhada entre os meus irmãos e o que eles me ensinaram foi amor, amor na família e depois um espírito de partilha porque a vida não é fácil. O pouco que se obtém, devemos ser capazes de partilhar entre nós. É por isso que o meu crescimento, a minha vinda, a minha vida, também foi partilhada com eles, para que pelo menos eu possa ser outra pessoa. Sim, e eles ensinaram-me a amar. Ensinaram-me a fazer, a fazer trabalho para ajudar a família. Sim, é isso.

E: Então, no momento em que começaste a tua própria família, quais são alguns dos - aão os mesmos valores que querias trazer para a tua própria família?

L: Sim, de facto, eu rezava para estar numa família como a minha. E, neste momento, é isso que acontece na minha própria família. O pouco que temos, partilhamos. Como quando o meu marido foi morto em 2016, ele deixou-nos simplesmente. Não tínhamos parentes, não tínhamos ninguém a quem pudéssemos recorrer. Sim, mas temos as nossas irmãs que estão em Cristo e que vieram, ficámos juntas durante esse período durante cerca de 10 dias, penso eu, 10 dias, sim. Fizemos a última oração e, a partir daí, como uma família, unimo-nos. O pouco que recebemos, partilhamos. Até ela, a menina de 14 anos, pode trazer um doce, podem dar-lhe um doce e ela certifica-se de que vai dividir esse doce em pedaços, para que o partilhemos entre nós. Portanto, é o indivíduo que dirá: "Sophie, eu estou bem. Basta comer". Sim, era por isso que eu rezava e Deus aceitou a minha oração por isso.

E: E com que idade é que começaste a tua própria família? Quando é que casaste?

L: Casei-me cedo. Casei-me quando tinha 20 anos.

E: Uau.

L: Sim. Tinha 20 anos, casei-me. Sim, fiquei com o meu marido durante um ano no Sul do Sudão. Por causa da guerra, ele foi acusado muitas vezes de estar a colaborar com o SPLA SPLM. Então, um dos oficiais do exército, veio e aconselhou-o, amigo sai deste lugar. Senão, se te prenderem três vezes, à terceira

I: Sim.

L: Vão-te matar. Mas depois foi detido duas vezes. Normalmente era recolhido de casa à noite. Foi nessa altura que viemos para Nairobi. Por isso, começámos apenas com uma pequena casa. Viemos com uma - com uma garrafa térmica, duas chávenas e poucos, poucos vestidos para mim e ele também escolheu a sua roupa. Mas deixámos a nossa casa sem mais nem menos. Não trouxemos nada.

E: Não queriam que eles soubessem que se iam embora?

L: Sim. Por outro lado sentia-mo-nos seguros, por estarmos a deixar aquela área horrível [ininteligível], estarmos a chegar a um lugar mais seguro. Por isso, começámos com um Colchão, pousamos o colchão. Tínhamos uma sufúria e dois pratos. Cozinhamos primeiro mboga e depois esvaziamo-la e

I: Fazes ugali.

L: Agora fazemos ugali. Sim, foi assim que começámos a nossa vida, sim.

E: E porque escolheste especificamente o Quénia ou Nairobi? Havia alguma razão em particular?

L: Claro que, durante a guerra, durante a guerra, não se sabe para onde se vai. Vamos e não se sabe para onde. Por isso, a fronteira mais próxima onde se pode chegar é a que te leve a um lugar mais seguro onde não haja combates.

E: Sim, faz sentido, faz sentido.

L: Porque, viemos através de Lokichoggio e depois chegamos, olhamos, chegamos a Lokichoggio.

I: Sim.

L: Chegámos a Lokichoggio porque ele era secretário geral na Igreja Católica em Juba, por isso conhecemos um dos seus amigos, um padre, sim. Foi através dele que conseguimos chegar a Nairobi.

E: Então, com isto tudo, o que é que significa para ti a palavra família?

L: Para mim família é uma mãe, um pai e filhos que ficam juntos. Mas agora, com isto, através do que está a acontecer, vai para além disso. Eu não fico só com ele, os meus filhos, são a minha família, coisa que tenho de proteger, por causa da guerra, por causa da negligência do que está a acontecer. A certa altura descobres que, de uma forma ou de outra, uma pessoa diferente se juntou à tua família. E uma pessoa que se tenha juntado à tua, vai olhar para ela como se fosse a sua própria família.

E: Sim.

L: Porque, se és responsável por eles, eu tenho outros filhos que são de famílias chefiadas por crianças, às vezes aparecem, ficam aqui, ficamos juntos, o que estamos a comer é o que eles comem, o que nós estamos a beber é o que eles bebem. Até encontrarem um lugar. E então seguirão. Portanto, uma família para mim são pessoas que vivem juntas, que são felizes, que partilham o mesmo ambiente e as mesmas necessidades básicas.

E: E... Há quanto tempo têm vindo a oferecer a vossa casa desta forma às pessoas?

L: Há quase... Desde quando? Acho que há quase 20 anos.

E: Então Sophie, tu nasceste com isso.

L: Sim, sim.

S: Sim, sim, nasci.

E - Então, conta-me sobre cresceres e teres a tua casa aberta a tantas pessoas diferentes.

S: Ok, não sei se me consigo lembrar de muita coisa de quando era criança, mas de há uns anos atrás, houve algumas pessoas que vieram e foram embora e quando entraram, eu não as via de forma diferente. Havia alguns Havia uma pessoa que precisava de ajuda, e eu só os via como um irmão ou uma irmã, acolhia-os e às vezes era tímida para falar com eles, isso é verdade, mas dava o meu melhor e, afinal, ao falar tornámo-nos bons amigos. E, até hoje, ainda falo com alguns deles.

E: Oh, isso é muito bom.

S: Por isso, sim, vejo-os como irmãos e irmãs, embora não estejamos necessariamente ligados - não estamos ligados por sangue, mas vejo-os como irmãos e irmãs, sim.

I: Isso é óptimo. E a religião desempenha algum papel na tua vida? Estou a ver os crucifixos e sei que o seu marido fazia parte da Igreja Católica, mas tenho curiosidade em saber como vê a religião.

L: Sim, a religião, acho que desempenha um papel muito importante na, na minha vida, na vida dos meus filhos. Por exemplo, houve uma altura em que eu estava a treinar num lugar chamado Amani Ya Juu. Na Amani Ya Juu, temos um programa para crianças. Normalmente, acontece três vezes num ano, as crianças vão para lá ser ensinadas. São crianças que vieram de uma zona de guerra. Algumas nasceram aqui, outras testemunharam o que aconteceu aos seus pais ou às suas tias, ou aos seus parentes, às suas mães ao seu pai, como podem ser mortas à sua frente. E embora aqueles que nasceram aqui em Nairobi, ainda se discute em casa, eles ouvem o que está a acontecer.

E: Eles estão cientes.

L: Eles estão cientes. Por exemplo agora, o meu marido foi morto. Não estava doente, foi morto. Percebes? Essa amargura, fica nas crianças. Por isso, normalmente reunimos as crianças, acho que todos os meus filhos passaram por esse procedimento nesse programa, chama-se Amani Watoto. Eles juntam-se, nós partilhamos a Palavra de Deus, falamos com eles, como podem ser embaixadores da paz. Se crescerem, não devem vingar-se através das palavras de Deus. Isso empoderou-os. Assim, normalmente vêm três vezes ao ano. E depois é-lhes ensinada a Palavra de Deus. E há alturas em que depois do trabalho, fazemos costura. Depois do trabalho, fazemos uma pausa e ouvimos a palavra de Deus. Nesse grupo, as pessoas partilham aquilo pelo que passaram. Às vezes sente-se que se carrega um fardo muito grande. Mas se ouvimos alguém partilhar o seu testemunho, sentimos que o nosso é muito melhor. Por isso, quando ouvimos, sentimo-nos encorajados. Dá-nos energia, torna-nos fortes, para continuar o dia-a-dia. Mesmo que não tenhamos nada, percorremos um longo caminho, percorremos um longo caminho. Por vezes andamos sem nada, não temos ninguém a quem possamos pedir. Mas para mim, particularmente, nos últimos dois dias, acho que não comemos nada, quando tinha a Foni, acho eu. Por isso, eu ajoelhei-me e rezei com lágrimas. Disse a Deus que me desse algo que eu pudesse fazer com as minhas mãos. Não quero mendigar porque mendigar de escritório em escritório cansa. Às vezes, vai-se e não se consegue nada. E de facto, dessa vez Deus deu-me algo para fazer. Comecei... Uma das organizações ensinou-nos a fazer gravatas e tinturas.

E: Oh uau.

L: Sim, quando acabámos, eu comecei imediatamente a fazer o meu. Foi assim que consegui arranjar algo para a minha família. Lentamente, lentamente, comecei a coser. Costumo costurar muitos sacos, sim, costurar sacos, costurar toalhas de mesa, costurar coisas para bebés. Agradeço a Deus por isso e Ele responde à minha, minha oração. Sim, e é por isso que mantenho viva a minha esperança, mantenho viva a minha fé, também. É isso que me mantém viva, a Palavra de Deus.

E: Isso é muito bonito

L: Sim.

E: Gostaria de saber se consideras outros tipos de relações como fazendo parte da família, porque mencionaste ser recebido na fronteira por alguém da igreja, a igreja que vem e fica contigo, aqueles primeiros 10 dias, bem, os 10 dias após o culto. Há outras relações que tenhas construído e que sentes que também podem expandir-se e fazerem parte da tua família?

L: Sim, sim, podem fazer parte da minha família. Porque se já criámos essa relação, com alguém que não é do teu sangue e com quem te comunicas bem, isso é fazer parte da família.

E: Sim.

L: Mas eles não estão aqui.

E: Sim.

E: Mas encontrei muitos quenianos que são a minha família, que partilhamos, que falamos. Se estiver com problemas, eles intervêm imediatamente. Por isso, embora se chame família alargada, para mim sinto que é família. Sim.

E: Óptimo. Então fala-me da tua bela casa e de como a geres. Como é que divides as tarefas? Quem faz o quê? Existe uma lista de tarefas?

L: Não temos listas, porque penso que todos são responsáveis. Sim, mas desde que a COVID-19 começou, penso que a Sophie assumiu o papel pelas manhãs.

E: Acorda muito cedo de manhã?

L: Ela acorda, prepara chá para mim. E depois, por vezes, limpa a casa. Não temos uma lista específica. Todos nós estamos envolvidos em fazer. Como, se eu estiver a limpar a sala de estar, eles limpam a cozinha, lavam a loiça, preparam chá. Sim, o meu filho também está aqui, também participa. Tenho cá o meu sobrinho, que trouxe quando tinha nove anos de idade. Cresceu aqui comigo. Também faz parte. Fazemos o trabalho todo da casa.

E: Boa.

L: Sim.

I: Aqui não há vagabundos preguiçosos.

L: Não, não.

E: E como é que a sua família satisfaz as suas necessidades financeiras? Os seus filhos apoiam-te? Recebes apoio de algum outro lugar? Como é que se certificam de que todas as despesas do agregado familiar são pagas?

L: Desde o início que aprendemos a ter um espírito de partilha. Sim, eu coso nas máquinas. O pouco que tenho partilho. Depois a Foni, por vezes viaja. Se ela fica, nós partilhamos a despesa. Ela assume a responsabilidade de pagar a renda. O pouco que recebo, uso para comprar comida em casa. Por isso partilhamos a responsabilidade. Se algum de nós, qualquer uma das crianças tem algum kidogo, dinheiro, eles podem ir comprar o que quiserem ou podem dar-me. Sim, é assim que estamos treinados para partilhar a responsabilidade.

E: E quem toma as decisões importantes para a família? És tu que decides ou é discutido?

L: É discutido. Fazemos uma discussão. Eu sou a mãe deles. Tenho de orientar. Mas nós certificamo-nos de que não se toma a decisão errada. Tomamos a decisão como uma família, mas eu tenho de guiar a forma como a decisão é tomada, sim.

E: Podes dar-me um exemplo de um momento? O que é que pode ser decidido? Quando é que se come frango outra vez? Quem o vai comprar? Quem o vai fazer? Algo assim? Sophie, tens alguma coisa para partilhar?

S: Não, não.

L: Sim. Tipo, às vezes estamos a almoçar, e eles começam: "O que vamos comer ao jantar? O que é que comemos ao jantar" e depois uma pessoa diz: "temos manteiga de amendoim, temos, temos pão, temos leite. Porque não tomamos chá ao jantar?"

E: Sim.

L: Sim, então concordamos com isso. E depois cada pessoa dirá: "Pronto, está bem, está bem". E chegamos à conclusão.

E: É uma família muito democrática. Portanto, fala-me da tua opinião sobre o conceito de casamento. Será que isso mudou ao longo dos anos? Ainda é o mesmo? Será que... O que observaste enquanto crescias? Talvez o sistema matrimonial tradicional. Será que agora é diferente? Estou curioso sobre a sua ideia, sobre o conceito de casamento.

L: Ah, a minha perspectiva? O conceito de casamento é, é bom que as pessoas se casem, que estejam juntas e estar juntas é aceitar essa responsabilidade. Estar juntos quando se está casado é evitar o segredo. Não devem ter mais segredo porque agora estão juntos. Deves concordar com o que deves fazer, porque tal como em casa, o que aprendi quando estava a crescer é que o namoro tem de durar alguns anos, entre três a quatro anos para depois te casares. E para casar a pessoa com quem se está a falar, deve aceitar-te como esposa e tu também tens de aceitar. Quando tenho as minhas filhas em casa, tenho de aceitar que o meu genro também vai estar. Para que quando a minha filha vier, sinta que é aceite. Para que o casamento corra bem. Sim, isso era o costume. Mas, hoje em dia, não é assim. Se as pessoas dizem isto é meu, o que eu quero é isso, é isto que é a minha vida. Mas agora o teu papel é explicar-lhes qual é o significado do casamento. Porque o casamento não é um contrato. O casamento é uma decisão para o resto da sua vida.

E: Sim.

L: Sim, por isso tens de explicar em pormenor, qual é o significado do casamento? Não deves haver segredos, não deves fazer coisas por trás das costas do teu marido quando o seu ele está a fazer coisas diferentes.

I: Deve ser como um

L: Devem estar juntos. Eu sinto que o casamento é bom, embora hoje em dia haja muitas mães solteiras. O casamento é bom em primeiro lugar, porque dá respeito à mulher. Se és casada, tens um marido em casa, tens o respeito da sociedade nos dias de hoje. Ninguém vai gozar contigo. Mas quando és mãe solteira, toda a gente quer vir falar contigo, sinto que se deve continuar, com o casamento, com a responsabilidade e o respeito um pelo outro durante o seu casamento.

E: Podes falar-me um pouco sobre os sudaneses do Sul, os rituais matrimoniais ou o tipo de passos que as pessoas costumavam tradicionalmente fazer?

L: Tradicionalmente? Está bem. Nós temos 164 tribos diferentes no Sul do Sudão e elas têm a sua própria forma de se casare. Mas vou falar da minha, porque outras casam-se pelo gado. Mas nós... durante o namoro. Se fores

E: Importas-te de nos dizer que tribo é essa, para que saibamos?

L: Nós somos Madi, Madi, M-A-D-I. Sim, isso é chamado Madi. Não somos grandes, somos poucos. Fazemos fronteira com o Norte do Uganda. Sim, a nossa área chama-se Nimule, de Nimule se estiveres a ir para Juba, sim. Portanto, esse namoro, depende quanto tempo demora. Depois do cortejo, se se sentirem que os dois bem, podem casar-se. Talvez, tenham discutido, até no namoro as pessoas discutem.

I: Sim.

L: Discute-se, agora já sabes...

I: É preciso testar.

L: Percebes? Dizemos, está bem, dá para lidar. Os pais do rapaz precisam de escrever uma carta, uma carta oficial. Há diferentes tipos de casamento, mas vou começar com este. Depois de escreverem uma carta, enviam alguém para a levar a casa da rapariga. Por isso, é entregue lá. Os mais velhos da casa, sentam-se a ler a carta. Se lerem a carta, o que farão? Respondem. Sim, respondem. Pode vir neste dia e escrevem todos os requisitos para a primeira vez, a primeira vez.

I: A primeira visita.

L: Sim, a primeira visita, a introdução.

E: Sim.

L: Então, eles colocam, sabes, o nosso povo, casa com muito dinheiro. Colocam vacas, vacas não, cabras, esta quantia, temos algo como mafuta ya taa, alafu tuko na kiberiti...

I: Interessante, tudo

L: Sim, inaandikwa chini. Sabuni, sabuni, kiberiti, caixa de fósforos. Si unajua wallet unakuja kuhesabu pesa?

I: Uau.

L: Temos essa carteira e depois tuko na kitambaa, ukuje na kitambaa. Hiyo kitambaa será depositado. Esse dinheiro que lhe é entregue, será contado com esse kitambaa. Depois de acabarem de contar o dinheiro, colocam-no na carteira.

I: Interessante. Assim, é quase como se também se começasse algo completamente novo.

L: Sim, sim. Sim, por isso, todos os requisitos serão anotados.

E: Sim.

L: Mas não se vem com todas essas coisas ao mesmo tempo, vem-se com o básico, o que é necessário, sim, para a primeira visita. A segunda visita, vem com pelo menos o que lhe foi dado para pagar, pelo menos deve chegar aos três quartos, sim. Se chegar aos três quartos a segunda à terceira visita pode vir e ter esta manteiga de amendoim.

I: Oh!

L: Vão moer um balde cheio de manteiga de amendoim.

E: É como se fosse um dote tradicional, como se fizesse parte do processo de dote.

L: Sim, sim, assim que um deles der o ok, podem ir à igreja...

I: Interessante.

L: ...com a rapariga. E depois trazem uma cabra e a cabra será decorada. Põem brincos

I: A sério?

L: Põem óculos relógio …

I: Uau.

L: ...e amarram um invólucro wataweka wataweka hapa kwa cintura, nini, kitenge, nini, leso.

E: Sim.

L: Essa é uma cultura muito na moda. A cabra será abatida, comida quando se comer a manteiga de amendoim. O que foi colocado no bode, vai ser retirado um a um. Tiram-se os brincos e paga-se dinheiro. Tiram-se os copos, paga-se dinheiro. Tiram-se os... Sim, por isso é assim. É apenas para o tornar tudo mais divertido.

E: Sim.

L: Para tornar tudo divertido. Depois abatem a cabra, comem e cozinham. É servida juntamente com a manteiga de amendoim. Enquanto comem a manteiga de amendoim, enquanto o noivo, o noivo, o noivo si ni vijana. Wakitaka kukula hiyo amendoim, pedem dinheiro às raparigas para abrirem a boca para comerem uma certa quantia que têm de pagar.

I: Uau.

L: Sim, depois disso, as raparigas vão desempenhar o seu papel. Como se ugali na manteiga de amendoim sem água, si itakunyonga?

E: Itakunyonga, sim.

L: Itakunyonga. Ikikunyonga, se pedirem água, engolem ukikunywa maji. Dirão: "Está bem, estás a tentar minar a nossa cultura. Têm de pagar alguma multa". Esses são os fundamentos de que me lembro.

E: A propósito, achas que isso ainda acontece agora? As pessoas ainda fazem isso? Ainda têm um bode?

L: Acontece mas, como sabes, vestir estas cabras, por vezes as pessoas dizem, sabes, hoje em dia as pessoas são cristãs, as pessoas sijui são o quê, por isso não devemos vestir estas coisas.

E: Sim, não é bom, assistimos a um de Nairobi aqui. Eles não queriam que a cabra estivesse vestida, por isso disseram: "Não queremos. Nós somos cristãos". E as coisas mais engraçadas da nossa tribo, se estamos numa relação, nunca comemos frango com o rapaz.

E: Nunca?

L: Mesmo num nini

I: Até a Sophie é...

L: Como se...

I: Portanto, nada de Kenchic, nada.

L: Sim, mas principalmente durante o pagamento do dote, hakuna kupika kuku. Sim, porque há wanasema kuku, blood yake iko hot, inaaweza ku nini hiyo, é uma crença, Inaweza... Hiyo casamento inaweza kuharibika.

I: Oh wow.

L: Sim. Masdepois de pagar o dote, hiyo nini no casamento, podem agora comer.

E: Sim. Muito bem, depois de estar tudo resolvido.

L: Sim, sim, eles podem...

I: É seguro. A galinha foi limpa pelo dinheiro. Isso é tão interessante.

L: Sim, sim. Sim. Há tanta coisa que nem consigo contar tudo.

E: O casamento é visto como uma união muito especial e que precisa desta cerimónia para lembrar as pessoas o quanto significa, que se tem um compromisso para a vida.

L: Sim.

E: Por isso faz sentido, é tudo simbólico.

L: Sim.

E: ...coisas simbólicas e estou curioso de saber se a poligamia, o poliamor, uma mulher casar com muitos homens, um homem casar com muitas mulheres, se era parte da cultura as pessoas que casarem com múltiplos parceiros?

L: Eles existem. Há pessoas na nossa tribo, podem casar até quatro esposas, sim. Mas, se casarmos com quatro esposas, não podemos ir à igreja, sim. É só tradição em casa.

E: Talvez só te possas casar com a primeira na igreja?

L: A primeira?

I: Todos eles.

L: A primeira pode, mas se casar na igreja, já fez um casamento, não se pode casar com outra esposa.

E: Isso é verdade. Mas hoje em dia, as pessoas estão a tentar mudar. Pois é. As coisas estão a mudar. Sim, encontram-se pessoas casadas que se querem casar na mesma.

E: Tradicionalmente?

L: Sim, sim.

E: Então, infelizmente para si o seu marido faleceu bastante cedo na sua vida. Mas a tu criaste os seus filhos e deste-lhes valores. Há outras pessoas que te ajudaram a criar os teus filhos, dando-lhes uma espécie de orientação? Por exemplo, um rapaz, os seus familiares masculinos ajudaram e deram ideias ou criaste tu sozinha os seus filhos?

L: Quando o pai deles estava por perto, ele costumava falar com eles até para falarem a língua materna. Eles agora podem falar a língua materna.

I: Oh, que bom!

L: embora não seja assim tão fluente.

E: É bom saber.

E: Sim, sim. Mas sabes, o meu marido faleceu em 2016. A sua morte foi esteve relacionada com LAN com LAN e há uns tempos, sabes, ele era jornalista. Há uns tempos ele expôs a corrupção. Por isso, não sabemos exactamente quem o matou. As pessoas lá em casa, sentiam-se culpadas. Durante os últimos quatro anos, nunca nos comunicámos com elas. Nunca, nunca, nunca, ninguém telefonou, todos se calaram. Até nós estávamos sossegados. Por fim, decidimos com as crianças, um lugar onde ele pudesse ficar. Porque continuamos à procura de parentes e eles não nos ajudavam, eles nem sequer comunicavam. Não davam qualquer valor à nossa família. Portanto o melhor era ir embora, de modo a podermos, estar unidos e gerir a nossa própria família.

I: Uma família.

L: Sim. Sabíamos que o pai já não estava presente. Mas mantivemo-nos unidos, claro. Antes de morrer, ele tinha uma visão de como queria educar os filhos para serem responsáveis. Por isso, eu disse aos meus filhos, vamos cumprir a visão dele.

E: Ok.

L: Sim, foi o que eu lhes disse. Portanto, vamos ficar. E este ano, em Janeiro deste ano, quando as pessoas me chamaram de volta a casa, disseram: "Queríamos, fazer uma oração". Porque agora, quando o meu marido morreu, penso que há pessoas que também morreram de acidente. As pessoas estão a morrer, as pessoas estão a morrer, dizem precisamos de fazer A B C D. Por isso agora fomos e fizemos a oração e agora, pelo menos nesses dias, ligaram-nos. Ligam e dizem: "Como estão? Estás bem, porque toda a gente fala da amargura é que estás a passar. Por isso, falámos e

I: agora as coisas estão...

L: Perdoámo-nos uns aos outros, agora está tudo bem, sim.

I: Quem determina o caminho educativo dos teus filhos? É algo que discutes com eles, as suas ambições e os seus planos de carreira. É algo que discutem juntos ou que eles vêm ter contigo e dizem: "Mãe, eu quero fazer isto"?

L: Eles identificaram a carreira que podem seguir e eu apoio-os nisso.

E: És uma mãe muito democrática e amorosa. Sophie, é verdade?

S: É verdade.

E: Então, fala-me dos teus planos e ambições, como discutimos agora com a tua mãe.

S: Muito bem, neste momento, a minha visão é para mais tarde na vida, quero tornar-me médica. Ainda não tenho a certeza em que campo me quero especificar, mas estou inclinada para a psicologia ou talvez para a psiquiatria. Mas sim, falei com a minha mãe sobre isso e ela diz que na verdade não há problema, e sim, esperemos que ela me apoie. E a minha tia também diz isso. Eles deram-me as suas bênçãos. Sim.

E: Isso é bom, isso é muito bom. É importante que sintas, está tudo ligado. Então falem-me de como era em casa, da forma como as pessoas eram vistas em casa, os membros mais velhos da sociedade. Existe uma tradição em que eles sejam levados para a família, para que cuide deles, ou ficam separados ou talvez haja um trabalhador que trabalha com eles. Como se tratam os membros mais velhos da tua sociedade?

L: Ebu volta a vir?

E: Digamos, por exemplo, a avó e o avô, eles ficam normalmente no campo, nas aldeias e depois talvez envia-se algum dinheiro para eles tomar conta deles, ou eles são trazidos para a sua família, como as coisas são abordadas. São integrados na família, cuidados dentro da família ou cuidados em separados?

L: Na nossa cultura, não separamos a idade. Ficamos com eles e assumimos a responsabilidade até que chegue o momento em que eles vão e estão com o Senhor. Por isso, vou dar o meu exemplo, o meu tio, que é agora a única pessoa que fica do lado da minha mãe. Ele é agora muito velho. Não podia sequer andar, mas as famílias estão lá para ele. Em geral, a família está lá para ele. A verdadeira filha não estava por perto por vezes, mas quando ele adoeceu, penso que no mês passado, todas as famílias, todas as pessoas que estão perto até os vizinhos, vieram e cuidaram dele.

E: Oh, isso é bom.

L: Claro, ele não pode ir para isto. Se ele quiser ir para uma longa chamada, não pode ir. Ele precisa de ser detido, para que possa ser levado. Sim, por isso todas as pessoas que vieram, tomaram conta dele, mas chamaram a sua filha para vir. Sim, porque ele não se estava a sentir nada bem. Por isso, para nós consideram que isso é uma bênção. Que não se separem, não descuidem. A não ser que alguém na comunidade, não tenha filhos. Alguns dias serão difíceis, mas mesmo assim sabemos que as pessoas estão a cuidar delas.

E: Elas continuam a aparecer.

L: A minha sogra, a mãe do meu marido. Quando o meu marido estava em Juba, nós ficamos com ele aqui em Nairobi até que ele falecesse com a mão dele na minha.

E: Uau.

L: Sim, não os negligenciamos. Lembro-me que um dia, quando ele estava muito doente, levei-o ao hospital. Um dos meus vizinhos disse-me: "Wewe, tu Lucy, estás a estragar dinheiro para esta senhora idosa. Basta pegar nesta velha senhora e deixá-la em Kenyatta e escrever um nome diferente". Dizem: "Tu, tu sabes isto, esta senhora, esta velha senhora criou muitas pessoas que agora têm potencial na comunidade". Não podemos deixá-la até que eles chegue o tempo de Deus a chamar. Eles têm essa preocupação com os idosos. Sim, embora agora por causa da guerra, há muitas, há muitas pessoas que foram para o exílio. Eles voltam com uma atitude diferente, esta atitude adoptada, sim.

E: É uma pena, mas pelo menos ainda se agarram a...

L: Sim.

E: …ao que aprenderam sobre o amor e a partilha e o cuidado um do outro. Então, agora que vieste para Nairobi e estás a construir a tua vida aqui, podes falar sobre quantas vezes te mudaste, onde viveste em família? Consegues mapear tudo até aqui?

L: Oh, está bem. Ok, a primeira vez que chegamos a Nairobi com o meu marido, ficamos com um amigo da família em Kibera durante 45 dias. A partir daí, mudamo-nos para Kawangware, onde eu estou, colocamos um colchão com uma sufúria. Ficámos lá durante cerca de um ano, mas talvez deva mencionar que o local para onde nos mudámos, ficamos lá por vezes e depois mudamo-nos para 46, 46 perto do mercado. Ficamos lá nem sequer um ano. Porque o lugar era muito frio e havia água a entrar na casa. Mudámo-nos de lá, fomos para o Satellite, Satellite daquele lado de Le Pic. Sim, ficámos lá durante cerca de dois anos. O lugar não era bom. Um dia houve bandidos, vieram e atacaram-nos. O meu marido foi espancado, foi espancado aqui. Pensamos que ele ia morrer.

E: Uau.

L: Vomitou o dia inteiro, o dia inteiro, mas foi bom termos conseguido levá-lo ao hospital. Foi tratado. De lá, mudámo-nos para Kawangware, perto da escola primária. Ficámos lá durante cerca de três anos? Sim, penso que três anos. E de lá, mudámo-nos para a Estrada Nyakinyua.

E: Uau, realmente andaram pela cidade.

L: Estrada Nyakinyua, ficámos lá durante 13 anos. 13 anos? Não, é menos do que isso. Sim, ficámos lá, e aí foi quando o meu marido esteve envolvido num acidente. Estava doente, havia muitos problemas. Nem sequer conseguíamos pagar a renda. Por isso ficámos lá durante algum tempo e a casa era pequena, as crianças eram crescidas. A sala de estar era muito pequena. E depois mudamo-nos de lá para cá, Kawangware, Satellite hapo chini. Hapo, podíamos ter ficado lá, mas não tínhamos electricidade, mas nos traziam a conta da electricidade. Ficámos lá durante cerca de um ano. Até que alguém me disse, você tem luz e não tem nini a conta. Um dia, eles vão trazer uma conta enorme.

I: Sim.

L: ...que não poderá pagar. E dirão que talvez esteja a tentar roubar a electricidade. Disseram-me que estava ligada através de hiyo njia sio mzuri. Portanto, desde então mudámo-nos para cá.

E: E aqui, há quantos anos vive aqui?

L: 2013. Saa hii hiyo ni ngapi? Há cerca de sete anos, sim, sim. Cerca de sete.

E: Uau.

L: Sim. Estamos satisfeitos aqui.

E: Sim. É uma bela casa.

L: A partir de agora ou vamos para o Sul do Sudão ou não sei. Pois é.

E: E sei que disseste que não falas com a tua família mas, mais recentemente, nos últimos quatro anos. Mas, mas antes disso, eram pessoas que os visitavam, iam visitá-los, tinham outros familiares ou outros parentes em Nairobi ou mesmo dentro da região que se vêem uns aos outros? Ou cortaste com os teus amigos de lá?

L: Falamos com a família ao telefone, pelo telefone, sim.

E: Nunca se visitaram uns aos outros?

L: Em Nairobi, ama fora?

E: Em Nairobi?

L: Não.

E: Alguns deles?

L: Não, temos familiares em Nairobi. Costumamos visitá-los. Sim, visitamo-los frequentemente. Mas os meus parentes que estão no acampamento, a propósito, os meus parentes estão no acampamento. Sim, por causa da guerra que actualmente ainda está a acontecer no Sul do Sudão.

E: Sim.

L: A guerra que o conflito deflagrou em 2013. Foram todos para o acampamento no Uganda. Não costumava viajar porque não se pode viajar sem um documento.

E: Isso é verdade.

L: Sim, mas mais tarde, quando este documento de viagem do ACNUR, juntamente com o Governo do Quénia, eles conseguiram que eu o conseguisse. Por isso, viajo. Há cerca de dois anos viajei para os ver no campo.

E: Uau! Achas que eles vêm para aqui ou que vão ficar no Uganda?

L: De vez em quando, há pessoas que vêm. Como o meu sobrinho, ele vem, por vezes, a Nairobi. Mesmo as raparigas, elas vêm, vêm por algum tempo e depois vão, sim.

E: Muito bem, agora estamos no fim. Parece que temos estado a falar desde sempre. Por isso, queria saber na tua opinião e talvez também para Sophie, o que torna a tua família especial? E sei que disseste que não é apenas a tua família de sangue, é a sua família alargada, para que possas responder de qualquer forma que sintas que faz sentido para ti. E depois também gostaria de conhecer algumas histórias emocionantes ou as vossas memórias favoritas que partilharam juntas em família. Então, podemos começar com o que achas que torna a tua família especial?

L: Está bem, o que torna a minha família especial, os meus filhos, são especiais para mim. Eles protegem-me, eles sentam-se à minha volta. Em algum momento em que me sinta mal vem logo um automaticamente. Quando vês uma criança sentada ao teu lado e eles sentam-se à minha volta, sabes, isso, faz-te amar, eles dão-te esperança. Depois, de outra forma, os meus filhos são especiais, deixa-me dizer, os meus filhos biológicos são muito especiais para mim porque cuidam de mim, valorizam-me na vida deles. Eu sei que talvez tenhamos, talvez eu tenha, como eles dizem, há um ditado, em que eles dizem, se não tiveres o teu próprio filho, o filho de alguém pode amar-te, mas não da mesma forma que o teu filho. Aqueles que estão à minha volta, são tão especiais na vida, e quando crescerem, terão a possibilidade de entregar algo à comunidade. Eles têm esse potencial. Só precisam de orientação e cuidados...

I: Sim.

L: ...para que, no futuro, possam entregar algo à comunidade. Isso torna-os especiais porque uma criança que não tem pais, se tiver um filho, pode olhar para o seu filho de forma especial, mas essa criança também é especial.

E: Sim, sim.

L: Por isso, sim, são, penso eu, para que sejam capazes de entregar coisas na comunidade.

E: Sim, bem, é interessante que estejas a dizer comunidade, porque sei que és uma trabalhadora comunitária e muitos deles chamam-te mãe. Então, como te sentes em relação a isso quando eles te chamam mãe?

L: Sinto-me bem, sabes, sinto-me bem porque, eu tenho um aqui que é congolês. Ele costuma vir e se eu falo ele diz: "Sim senhora, sim senhora". Sabes, sinto-me bem porque, como já disse, não quero ver, era o que estava a dizer a Foni, este mundo não é bom. Eu queria ter a minha própria organização, ser capaz de apoiar as crianças. Porque sinto que é do fundo do meu coração que quero cuidar das crianças. Por isso, gosto que na comunidade quando as pessoas olham para mim, sinto que deveria ajudá-las, ou que deveria falar com elas. Ajudando-me, não posso deixar de falar com elas e aconselho-as e digo-lhes a verdade. Falo com eles e são eles que tomam a decisão por eles próprios, não tomo decisões por eles.

E: Isso é realmente bom, o apoio é tão importante.

L: Sim.

E: Está bem, então Sophie diz-me, o que achas que torna a tua família especial?

S: A minha família, penso que é especial porque, independentemente do que passamos, ainda estamos juntos, nada nos quebra. Por exemplo, no rescaldo da morte do nosso pai, ficámos todos com o coração partido. Sim, pensámos que o que lhe aconteceu era errado, mas não permitimos que isso nos quebrasse. Decidimos que iríamos estar juntos e que depois iríamos ultrapassá-lo juntos. Adoro o facto de, mesmo à noite, nos juntarmos e começarmos a falar sobre coisas aleatórias, que não se esperariam que uma família falasse. Na verdade, é muito agradável.

E: Muito bem, agora é uma boa altura para me contar uma história excitante ou uma recordação favorita que tenhas sobre ti e a tua família.

S: Ok, lembro-me vagamente disto, quando eu era criança costumávamos reunir-nos à noite e fazer Shamballa com missangas e papel. Costumávamos fazer isso enquanto inventávamos histórias. É uma coisa de que me lembro e adoro, hoje em dia não o fazemos assim tanto, mas continuamos a falar.

E: E a mãe?

L: Para mim uma recordação que ainda mantemos viva é como o meu marido costumava cantar muito, a canção da nossa língua materna. E até agora, penso que ainda cantamos.

E: Podes dar-nos um pequeno refrão?

L: Então, nós sentimo-nos bem, como essa canção, que cantamos juntos. Se eles não compreenderem o significado, eu digo-lhes.

E: Pode dar-nos um pequeno

L: Ni gani Sophie?

S: Mum? Está bem.

L: Unakumbuka gani?

S: Fico muito consciente de mim mesma ao cantar em frente às pessoas.

E: Ok, vou fechar os olhos, não olhámos para ti. A câmara está desligada, Julian não está aqui. Ainda está numa bicicleta à procura da casa.

S: Ok, não tenho muita certeza daquelas em língua materna, mas sei que ele gostava muito de cantara By The Rivers of Babylon, sim.

E: Bonito.

L: Sim.

S: Sim, essa canção. Ok, canto-a agora?

L: Sim, essa mesmo.

E: Se quiseres.

S: Está bem, não sei se conheço todas as palavras, mas vou tentar. Está bem, (CANTANDO) Junto aos rios da Babilónia, onde nos sentamos, em todo o lado, quando nos lembramos de Sião.

E: Bonito, bom trabalho!